

FASCÍCULO

03

PARTE I

Património Religioso - Memória e Identidade

O Barroco e o Rococó em Fafe





O BARROCO E O ROCOCÓ EM FAFE

No fascículo anterior já descrevemos o desaparecimento de muita arte sacra durante o Estado Novo mediante a ex-Direção-Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais.

Os estilos Barroco e Rococó encontram-se presentes num número considerável de templos do concelho de Fafe, embora em muitos casos estejamos perante talha “ao estilo”. Quando inscrevemos “ao estilo”, significa que estamos perante uma cópia; acrescentando os que sofreram mobilidade, mas com adulterações, estamos na parte substancial da talha fafense; assim, contabilizamos como originais neste número: Barroco nacional – dois retábulos colaterais; Barroco joanino – dois retábulos mores (um de granito) e um retábulo de capela; Rococó – dois retábulos mores e dois colaterais.

Partindo da premissa que o douramento, a carnação (cor da pele) e o estofado (vestes) constituem um enorme impacto visual e emocional nos crentes, principalmente na fase do Barroco nacional e joanino, a Igreja serviu-se da arte como uma arma dissuasora.

Compete-nos distinguir o Barroco do Rococó, que até há cerca de quatro décadas era conhecido pela fase final do Barroco. Ao nível de fachadas de templos, os frontões com volutas, os arcos de frontão, as colunas torsas, as pilastras, os ornatos florais e os óculos



(janelas circulares) são os elementos de arquitetura mais vistos. O Rococó é traçado por frontões com linhas curvas mais elaboradas (não temos nenhum exemplo em Fafe).

Sendo mais fácil trabalhar a madeira, estes estilos são mais visíveis no interior dos templos através da talha e das imagens. Não há Barroco nacional nas fachadas; nos retábulos-mores, simplifica-se a sua descrição: embasamento com painéis de acanto, flores e cabeças de anjos; banco onde se inclui o sacrário, este a merecer um tratamento especial, muitas vezes, ornamentado com meninos, folhagem de acanto e coroamento; o corpo central é formado por dois pares de colunas (mais quando se trata de um retábulo conventual), entre as quais se colocam imagens (padroeiro, no lado do Evangelho, ou no centro da tribuna) e ornamentam-se com uvas, parras, aves e meninos, numa simbologia eucarística e angelical; o trono da tribuna é o emblema da ascensão ao céu mediante as peneiras; o remate fecha a estrutura retabulística com arquivoltas correspondentes às colunas e ornamentação semelhante à narrada. Os retábulos colaterais e laterais contêm os mesmos elementos que os retábulos-mores, à sua dimensão.

O Barroco joanino também apresenta colunas torsas mas apenas adornadas nos cavados das estrias com elementos florais; no remate, há fragmentos de frontão, medalhões, anjos, composições florais; a concha é fundamental na ornamentação.

O Rococó, com linhas curvas mais elaboradas, serve-se de uma ligação do corpo do retábulo ao embasamento através da tribuna; os enrolamentos florais evidenciam-se nos fustes lisos das colunas; os concheados volumosos, normalmente assimétricos, são a característica deste modelo artístico.

IGREJA DE QUINCHÃES

A igreja de Quinchães apresenta dimensões consideráveis, contando com três naves escaladas e separadas por arcadas, característica pouco habitual nas igrejas do concelho de Fafe.

Apesar da sua fundação remontar, muito provavelmente, ao período medieval, a igreja de Quinchães apresenta hoje uma arquitetura recente e sem um traço artístico clássico: as reconstruções e ampliações ocorridas durante o séc. XX conduziram à alteração da capela-mor, inserida a poente, posição contrária aos cânones da Igreja.

As *Memórias Paraquiais de 1758* permitem saber que naquela época "*esta parochia está ao pé do monte fora de lugares*". A razão para a escolha de um local mais isolado para a fundação do templo, provavelmente, durante o período medieval, deve-se à necessidade de servir os fiéis dos diversos lugares de Quinchães.

A *villa* de Quinchães é uma das primeiras a ser referidas no território de Monte Longo - comarca a partir da qual viria a nascer o concelho de Fafe -, sendo referida logo no séc. X, ao tempo do rei Ramiro II (931-951), que muito se debateu pela recon-

quista do território aos muçulmanos cerca de dois séculos antes da própria Nacionalidade.

Dos *Livros de Visitações do séc. XVI*, chega-nos a notícia de que, na visita do ano de 1586, se devia pintar o retábulo existente de boas tintas a óleo, por se encontrar *indecente*.

Em 1758, S. Martinho, como padroeiro, mantinha-se no lado do Evangelho do retábulo-mor; nos colaterais, N. Senhora e Santo António, que passou para o lado da Epístola do retábulo-mor; atualmente, os colaterais detêm Santa Teresa de Lisieux e N. S.^a do Rosário de Fátima. O Barroco nacional (ao estilo) está presente no retábulo-mor, nos painéis de acanto e cabeças aladas, no sacrário com anjos, nas colunas torsas com parras, uvas, meninos e aves, na tribuna com enrolamentos de acanto e resplendor e no remate com as arquivoltas exterior e interior, aqui com medalhões do Barroco joanino, como no teto da capela-mor; as mísulas com "turcos" (figuras humanas) pertencem ao Barroco joanino, que se repetem nos retábulos colaterais; uma ligeira desproporção na colocação destes, leva-nos à hipótese de mobilidade exterior; o coroaamento com pelicanos é um fator de erudição na arte da talha.

Localização: Rua do Assento, Quinchães
Coordenadas: 41°26'9.96"N 8°8'29.91"O





IGREJA DE PAÇOS

A arquitetura da igreja de Paços resulta de uma remodelação e ampliação ocorrida no ano de 1978. Esta redundou num templo de traços híbridos no qual é possível observar duas épocas distintas de construção. Apresentando hoje alguma dimensão e ornamentos de destaque foi, em tempos, um pequeno templo de traços rudes e parco em decorações.

Os *Livros de Visitações do séc. XVI* indicam algumas alterações na arquitetura da igreja de Paços, não se sabendo, contudo, se essas notícias nos remetem para este mesmo templo ou para outro situado em outro local, uma vez que a tradição popular refere que a igreja original seria no lugar da Cobiça. No ano de 1548, o visitador ordena "*ao abade que mamde abrir mais a friesta de maneira que dê mais claridade no altar*". Já em 1571, os fregueses deveriam cumprir com a ordem da visita anterior: "*fazerem o*

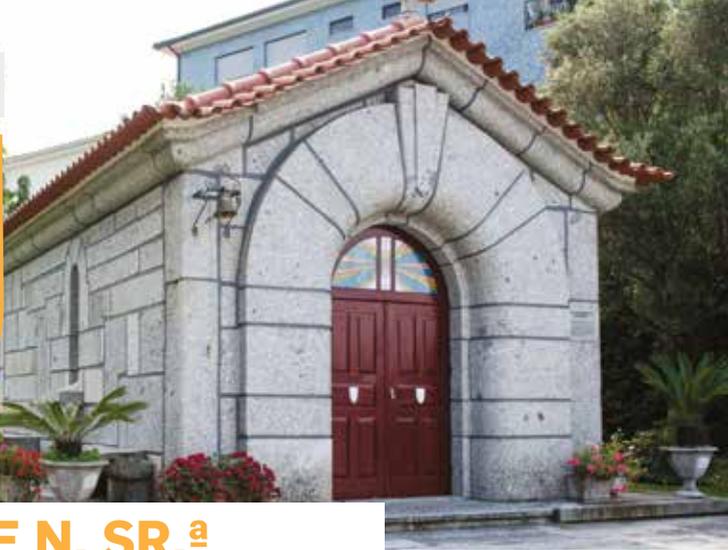
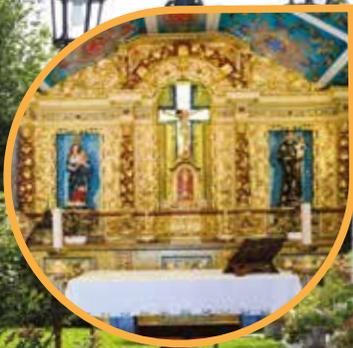
cabido (alpendre) de novo como lhes foy mandado conforme a igreja e encorrerom em pena de dozentos reaes".

Apesar da modernidade do edifício no lado da Epístola, o templo contém um retábulo-mor neoclássico (ao estilo) e um retábulo lateral obedecendo à fase do Barroco nacional. Destaca-se S. Vicente pelo valor artístico, ao lado do retábulo de N. S.^ª com o Menino: a base (banco) que sustenta o corpo do retábulo inclui florões, mísulas com cabeças aladas envoltas em folhagem de acanto; as colunas, com parras, uvas e aves, são ladeadas por peças de talha com acanto; no remate, há acanto, aduelas a ligar uma arquivolta a um arco e duas metas (meios-corpos humanos); tudo isto resulta de uma reorganização de um retábulo proveniente de outro espaço.



Localização: Rua do Alto da Boavista, Paços
Coordenadas: 41°28'49.64"N 8°11'54.38"O

Localização: Rua da Pica de Além, S. Gens
Coordenadas: 41°26'36.10"N 8°8'8.00"O



CAPELA DE N. SR.ª DOS MILAGRES (S. GENS)

A capela de N. S.ª dos Milagres é um templo de pequenas dimensões e fundação recente, tendo sido construído em 2012, tal como confirma a placa de inauguração colocada na sua fachada.

É uma capela particular localizada na Quinta das Flores, pertença de Casimiro Mendes Pereira, que a mandou fazer *“em tributo à Providência Divina pelos feitos alcançados”*. Apesar do seu âmbito particular, a capela encontra-se aberta ao culto, constituindo já um ponto de romagem das gentes da terra.

A pedra que dá corpo ao templo - onde se destaca o arco da entrada - é fruto de uma digna reutilização, tendo pertencido à escola da “Feira Velha”, edifício emblemático da cidade de Fafe, construído durante o Estado Novo e demolido há alguns anos.

O proprietário privilegiou o templo com um retábulo adquirido para o efeito. A sua reorganização passa por uma estrutura maneirista (S.ª dos Milagres e Santo António estão no lugar de pinturas); do Barroco nacional, emergem as colunas torsas e

composições laterais com folhagem de acanto; no remate, destacam-se duas metas (meios-corpos), elementos eruditos do Barroco nacional; o sacrário obedece ao Barroco joanino (ao estilo). No teto consigna-se o apoio à pintura, com elementos vegetalistas envolvendo os medalhões e os santos da época barroca.



IGREJA DE CEPÃES

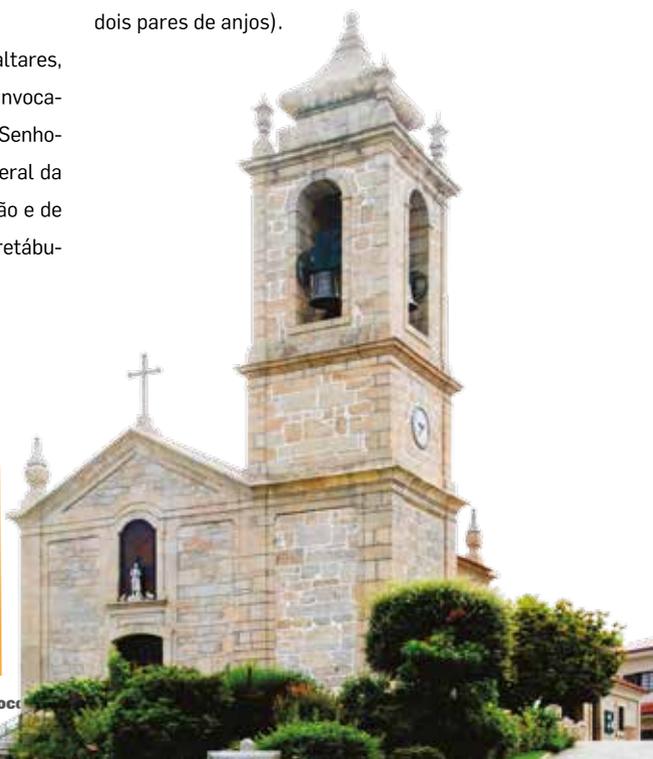
A igreja de Cepães é hoje um templo muito diferente do original. Esta encontrar-se-á no local onde foi fundada, acompanhando a organização paroquial estabelecida em toda a Diocese de Braga, nos finais do séc. XI.

A referência mais antiga ao templo e à freguesia surge num diploma de 1157, apesar da designação muito diferente, sendo referida como *ecclesia de Sancto Mamete de Taureli*. Logo no século seguinte surge com uma denominação aproximada da atual: *Sancti Mametis de Zapaes*, nas *Inquirições de 1258*, e *Sam Mamede de Çaffães* nas de 1288. Os *Livros de Visitações do séc. XVI* permitem saber que, por ordem do visitador da Diocese de Braga, pelo ano de 1548, o altar-mor devia ser limpo e a sua pintura renovada até à visita seguinte, sob pena de multa no caso de incumprimento.

No ano de 1758, registavam-se cinco altares, como hoje; atualmente, conservam-se as invocações de S. Mamede (retábulo-mor), Nossa Senhora (colateral da Epístola) e das Almas (lateral da Epístola); desapareceram as de S. Sebastião e de Santo António, embora ladeiem os ditos retábu-

los. O orago encontra-se no lugar certo: lado do Evangelho do retábulo-mor. É uma interpretação popular: leão, pau e saco, como pastor da Turquia, no séc. III.

É um dos melhores exemplares de talha dos templos fafenses, com interpretação erudita de artista provavelmente de Braga: Barroco joanino; a tela (muito usada no século XIX) encobre a possibilidade de revermos a tribuna. Sinais de erudição: colunas interiores torsas com o 1.º terço demarcado; colunas exteriores com figuras áulicas (da Corte) e anjos; dosséis encimando S. Mamede e S. José; sacrário com "Agnus Dei" na porta suportando um dossel ricamente trabalhado; remate adequado ao espaço existente – aduelas com anjos e medalhões sobrepujados com uma composição elaborada (dossel e medalhão ladeado com dois pares de anjos).





Localização: Largo da Igreja, Cepães
Coordenadas: 41°26'9.08"N 8°12'15.01"O



CAPELA DE S. JOSÉ (FAFE)

A capela de S. José é um templo particular erigido numa pequena elevação junto ao rio Ferro e numa área pouco urbanizada. Constitui um exemplar único na região, apresentando uma arquitetura distinta e elementos artísticos excelentemente trabalhados que são dignos de registo, principalmente no interior.

Pelo exterior, destacam-se elementos do Barroco joanino: a porta encimada por frontão de volutas e concha joanina que, por sua vez, é sobrepujada por óculo bordejado por elementos florais. A reorganização desta fachada pressupõe o acrescento de elementos já neoclássicos – pilastras e pirâmides boleadas.

A surpresa está na originalidade do interior: um retábulo do Barroco joanino em granito, não deixando de obedecer às regras artísticas deste estilo: o padroeiro, S. José, ao centro, quando poderia localizar-se, também, no lado do Evangelho; no lado da Epístola, havia lugar para outro santo; ao centro, Cristo, a Virgem Maria ou S. Pedro.

O banco contém espaço para o sacrário; há pilas-

tras (maneiristas) em vez de colunas; os concheados difundem-se no entablamento, na base das pilastras e na empena do sacrário; no remate, sobressai um dossel ladeado por volutas; o retábulo é bordejado, nas laterais, por composições verticais denticuladas (ao estilo maneirista).

A origem e história da capela de S. José é bem conhecida através de um estudo de Eduardo Pires de Oliveira, que permitiu descobrir que no dia de 18 de Fevereiro de 1753, deu entrada no Paço Episcopal de Braga um pedido de autorização para construção da capela feito por José de São Paio, e que esta se encontrava finalizada e preparada para o culto a 4 de fevereiro de 1756. Apesar de privada, a capela de S. José foi erigida para servir os moradores dos lugares mais próximos ao templo.

É uma das cinco capelas registadas nas *Memórias Paroquiais de 1758*, no monte junto à ponte nova (atualmente, ponte de S. José), verificando-se, na altura, em Fafe, as capelas dos Santos Passos com imagens de vulto.

Localização: Rua Vasco da Gama, Fafe
Coordenadas: 41°26'30.79"N 8°10'3.87"O

CAPELA DE SANTO ANTÓNIO (ARÕES - SANTA CRISTINA)

A capela de Santo António é um pequeno e belo templo alpendrado com origens nos meados do séc. XVIII.

As fontes documentais da época permitem afirmar que a fundação desta capela terá ocorrido entre os anos de 1726 e 1758, uma vez que no ano de 1726 se fazia alusão ao facto de que a freguesia de Arões (Santa Cristina) não tinha qualquer capela filial, mas já nas *Memórias Paroquiais de 1758* se assinalava a "*ermida de Santo António nos montados da igreja*".

Junto à capela encontra-se um cruzeiro que será um dos mais antigos do concelho de Fafe. Apesar de se encontrar hoje muito alterado e de ter sido recentemente deslocado do seu local original em frente ao templo, a base do cruzeiro poderá ser

mais antiga do que a própria capela, apresentando uma inscrição muito desgastada que parece remeter a sua origem para o séc. XVII.

Cristo, Virgem e S. Pedro eram as imagens preconizadas pelo Concílio de Trento destinadas aos retábulos principais. Em último caso, o padroeiro, neste templo Santo António, apesar de, normalmente, se colocar no lado do Evangelho.

Quanto ao retábulo, impera o fingido a marmoreado, em vez do dourado, entendendo-se a impregnação de um hibridismo entre o Barroco joanino e o Rococó, ao estilo, por consequência.

A estrutura é barroca (mísulas, fragmentos de frontão e dossel) com ornamentação barroca (acanto nas mísulas e nos elementos florais das peanhas e dosséis) e rococó (concheados no dossel e nos painéis do banco).



IGREJA DE VINHÓS

A igreja de Vinhós é uma construção moderna, fruto de uma remodelação total ocorrida no ano de 1982. A própria origem do templo é muito recente, tendo sido fundado apenas no ano de 1944. Por esta altura, o pequeno templo que servia a freguesia desde a Idade Média, terá sido trasladado do lugar do Asento, junto ao rio Vizela, para o atual centro da freguesia.

Do templo primitivo, resta apenas a antiga capela-mor, que hoje não é mais do que uma dependência lateral do templo, facto que se deve à última intervenção a que este foi sujeito, que alterou o seu posicionamento. Na atual capela-mor localizam-se, no retábulo-mor, três das quatro imagens arroladas nas *Memórias Paroquiais de 1758*: Cristo Crucificado, ao centro; Santo Estêvão, no lado do Evangelho; e Santa Ana, no lado da Epístola, acompanhada do Menino Jesus.

Nos retábulos colaterais, em 1758, registavam-se as invocações de N. S.^ª do Rosário e de S. Sebastião, juntamente com Santo António (era possível mais

de uma invocação). Das sete imagens daquele ano, apenas o Menino Jesus e o Santo António não têm réplica no atual templo, significando que o retábulo existente seria de um de três estilos: Maneirismo, Barroco nacional ou Barroco joanino.

É na antiga capela-mor que se encontra o elemento de maior destaque na igreja de Vinhós, um belíssimo sacrário aos estilos Barroco joanino e Rococó. A paróquia optou somente pela inclusão de uma peça em talha – o sacrário –, dignificando uma tradição de cerca de 400 anos; terá selecionado dois estilos que, usando o dourado, criam impacto no crente. A porta detém o Sagado Coração de Jesus, emoldurada, ao fundo, com um concheado e três ornatos em C (Barroco joanino); encima-a uma composição híbrida de ornato em C de onde se desprende um concheado rococó.

A porta do sacrário integra-se numa composição bem conseguida constituída por anjos que se apoiam em concheados rococó e ornatos em C (joaninos), entrelaçando-se em cortinas e dossel que suporta outra composição impactante: concheados rococó, ornatos em C e fragmentos de frontão (joaninos) – de onde se desembaraça uma cabeça de anjo envolta em concheado rococó, terminando em arco contracurvado e concheado joanino.



Localização: Rua do Barro, Vinhós
Coordenadas: 41°28'59.61"N 8°10'32.68"O

IGREJA DE ABOIM

A igreja de Aboim localiza-se no centro do lugar, em posição privilegiada, a partir da qual se vislumbram montes e vales distantes.

Foi em torno deste edifício de grande importância e simbolismo para a comunidade, que o povoado rural se desenvolveu ao longo dos séculos. A fundação da igreja paroquial terá acompanhado a criação da própria freguesia tendo-se desenvolvido por volta dos séculos XVII/XVIII, possivelmente a partir de uma capela que já serviria a população em período medieval.

No retábulo-mor, vislumbra-se a padroeira (N. S.^a da Conceição), no lado do Evangelho, Cristo ao centro, de acordo com o Concílio de Trento de 1545-1563, e N. S.^a do Rosário, no colateral da Epístola, imagens que já se registavam nas *Memórias Paroquiais de 1758*.

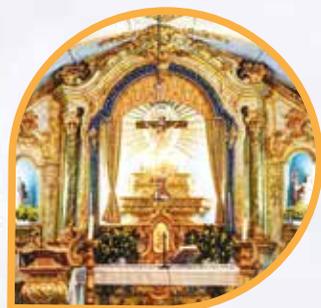
Os retábulos, originais, obedecem ao Rococó. Houve necessidade de angular as laterais do retábulo-mor para caber na capela-mor. Além das flores, há composições a evidenciar: concheados e flores; ornatos em C (provenientes do Barroco joanino) e concheados; e volutas e concheados. O remate, tal como nos retábulos colaterais, remete-nos para Frei José Vilaça, o

grande mestre riscador de Tibães (Braga).

Os retábulos colaterais (Sagrado Coração de Jesus e N. S.^a do Rosário) são mais pujantes na decoração do Rococó no frontal do altar, no sacrário, nos fustes e capitéis das colunas e nos arcos apontados que encimam o camarim e o remate: flores, folhagem, concheados volumosos, agrafos. O retábulo lateral (Sagrado Coração de Maria) já pertence ao Neoclássico.

As escassas notícias presentes na documentação medieval e seguinte, permitem descobrir que Aboim teve, desde sempre, ligações a Cabeceiras de Basto, só se inserindo em território fafense no ano de 1853, quando das reformas administrativas concelhias da época.

Em época medieval, Aboim (*Avoym*) surge numa breve referência nas *Inquirições de 1258*, a partir da qual se depreende que ficaria nos limites de S. Salvador de Roças (freguesia do atual concelho de Vieira do Minho), portanto, constituiria mais uma *villa* inserida nessa paróquia. Apesar das parcas informações, é garantido que Aboim já se encontrava constituída como freguesia nos inícios do séc. XVIII, continuando no concelho de Cabeceiras de Basto.



Localização: Avenida da Igreja, Aboim
Coordenadas: 41°32'33.73"N 8°5'14.71"O

IGREJA DE ESTORÃOS

A igreja de Estorãos terá uma origem medieval e na sua estrutura é possível que ainda restem alguns vestígios do templo original. Alguns dos silhares que constituem as suas paredes aparentam bastante antiguidade, entre os quais se destacam as aduelas que constituem o arco da entrada principal.

Da Idade Média até aos nossos dias, o corpo da igreja foi alvo de várias alterações, algumas delas muito bem documentadas. Em uma das habituais visitas pastorais de inspeção às paróquias promovidas pela Diocese no ano de 1571, é ordenado aos *"freigueses que de novo alargem a igreja atee vinte palmos pera diante da porta principal"*, ampliação certamente motivada pelo desenvolvimento demográfico registado na época. Já no séc. XX sofreu alterações pelo ano de 1953, momento em que a capela-mor foi aumentada para os lados, dando-lhe a configuração que ainda hoje se pode observar. A antiguidade de Estorãos é comprovada nas origens da Reconquista Cristã, que teve início a partir da segunda metade do séc. IX. Por esta altura,

começaram a chegar habitantes à região de Fafe vindos das Astúrias; prova disso é o topónimo Estorãos, que, à época, era referido como *Asturianus* (1145). Esses grupos viriam a juntar-se à população, tendo como principal objetivo impulsionar uma nova organização do espaço.

Em 1758, havia três retábulos: mor (S. Tomé), existente; colateral do Evangelho: Senhor Crucificado, Menino Deus e S. Sebastião, existente; colateral da Epístola: N. S.ª da Conceição, N. S.ª do Rosário e Santo António, no lado do Evangelho, existentes.

Os três altares – mor e colaterais –, incluem-se no Rococó, original o mor e ao estilo os colaterais; a repintura (falta o dourado) dificulta a leitura. Elementos comuns: flores nas colunas e nos remates, concheados encimando as imagens; os remates dos retábulos colaterais têm ainda uma ligação ao Barroco joanino.

Há mais dois retábulos posteriores a 1758, ao estilo Rococó: lateral do Evangelho, Sagrado Coração de Jesus e lateral da Epístola, S.ª das Dores, este com remate do Barroco.





Localização: Rua da Igreja, Estorãos
Coordenadas: 41°28'28.98"N 8°8'43.09"O



cm-fafe.pt [/municipiofafae](https://www.facebook.com/municipiofafae)

FICHA TÉCNICA

Título

Fascículo 03 (parte I) Património Religioso – Memória e Identidade
O Barroco e o Rococó em Fafe

Propriedade

Câmara Municipal de Fafe

Coordenação Geral

Pompeu Martins

Artur Coimbra

Edição

Tamanho Real, Agência de Comunicação

Fotografia

Manuel Meira

João Nuno Machado

Textos

João Nuno Machado

José Carlos Meneses

Produção

Daniela Costa Sousa

Sónia Lopes